

---

## Cidades e invenções: experimentos para a composição de uma trajetória urbana do pensamento de Claude Lévi-Strauss

*Cities and inventions: experiments for the composition of an urban trajectory of Claude Lévi-Strauss's thought*

**Jeferson Carvalho da Silva**

---



**Edição electrónica**

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/14258>

DOI: 10.4000/pontourbe.14258

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Referência eletrónica**

Jeferson Carvalho da Silva, «Cidades e invenções: experimentos para a composição de uma trajetória urbana do pensamento de Claude Lévi-Strauss», *Ponto Urbe* [Online], 31 v.1 | 2023, posto online no dia 25 julho 2023, consultado o 28 setembro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/14258> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.14258>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 28 de setembro de 2023.



Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC-BY-4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.

---

# Cidades e invenções: experimentos para a composição de uma trajetória urbana do pensamento de Claude Lévi-Strauss<sup>1</sup>

*Cities and inventions: experiments for the composition of an urban trajectory of Claude Lévi-Strauss's thought*

**Jeferson Carvalho da Silva**

---

## NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original version 05/10/2022

Aceito em / Accepted 10/01/2023

A viagem é uma construção da imaginação  
Claude Lévi-Strauss, 1992

## Introdução

Este texto apresenta os percursos iniciais de uma pesquisa cujo objetivo principal concentra-se em explorar aspectos pouco abordados da trajetória do pensamento de um dos expoentes da Antropologia. Quando pensamos sobre o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, imagens de esquemas de parentesco, o plano das aldeias Bororo, as linhas das pinturas faciais Cadiueu, as imagens dos Nambiquara com suas grandes cestas ou a sinfonia dos mitos orquestrada pelo antropólogo nas grandes "Mitológicas", despontam com facilidade em nossa mente. É certo que o Brasil e os ameríndios – esses com os quais Lévi-Strauss diz compartilhar certa "afinidade de estrutura" (Lévi-Strauss, 1996a, p. 56) em relação ao seu próprio pensamento – marcaram profundamente o imaginário e a sensibilidade do europeu (Anne-Christine Taylor, 2011).

Todavia, como afirma o filósofo francês Claude Imbert, há ainda parte da trajetória de Lévi-Strauss que pouco se explorou e que faz brotar novas imagens no panorama que compõe o percurso do pensamento do antropólogo. Como afirma Imbert (2004, p. 25): "Pouco se tem levantado sobre os itinerários urbanos de Claude Lévi-Strauss, as cidades por onde ele realmente passou, os sítios urbanizados cuja experiência etnográfica, com o sentimento de encarar algo perdido e essencial, lhe deu enfim a evocação de cidades ameríndias"<sup>2</sup>. De fato, é pouco usual associarmos a figura de Lévi-Strauss à composição de uma trajetória de pensamento sobre o urbano ou sobre as cidades. Contudo, muitas são as cidades descritas e pensadas por Lévi-Strauss ao longo de suas viagens e trajetória, no Brasil e em outras partes do mundo. Para citar algumas, temos: São Paulo, Rio de Janeiro, Cuiabá, Londrina, Nova York, Tóquio, Paris, Fort-de-France, Calcutá e Lahore (sobre a qual, neste texto, irei me debruçar mais detidamente).

Nesse sentido, os experimentos iniciais aqui apresentados pretendem tomar como laboratório as descrições e relatos sobre cidades feitos por Lévi-Strauss em textos e imagens. Assim, busco entender como o antropólogo pensava as cidades e como as próprias cidades se pensavam nele. Além, busco especular formas pelas quais a Antropologia possa ser capaz de contribuir e criar imaginações acerca dos modos de construção e habitação de nossas cidades contemporâneas frente às catástrofes (D'Onofrio, 2018) e fins de mundos correntes (Déborah Danowski; Viveiros de Castro, 2017). Claude Lévi-Strauss, em sua qualidade de clássico, nos oferece um cosmos quase inesgotável de reflexões que, dispostas como em "bricolagem", nos trazem inspirações precisas para reflexão e questionamento dos desafios impostos por nosso próprio tempo (Emmanuelle Loyer, 2018).

Desse modo, fazer das descrições de Lévi-Strauss laboratório – experimentar com e a partir delas – se tornou uma maneira de adentrar cidades outras, "inventadas" (Wagner, 2010), que aproximam-se das cidades imaginárias, tal como as "cidades invisíveis" de Italo Calvino (1990). Nesse percurso, faço de Lévi-Strauss "nativo" (Beatriz Perrone-Moisés, 2021) e passo a imaginar – com e a partir dele – futuros e cidades; a percorrer e habitar ficções; a fazer uma Antropologia próxima ao sonho (Duverger; Glowczewski et al., 2022). E, afinal, como o próprio Lévi-Strauss nos diz: a natureza das cidades é ela mesma "vívda e sonhada" (1996a, p. 123). Logo, ao seguir por esse caminho, habito uma ciência onde modos de conhecimento se conversam entre si e as imaginações se tornam valores heurísticos aos fazeres antropológicos; onde a realidade é colocada sob tensão, bem como as próprias categorias metodológicas da disciplina. Com isso em mente, embarco numa jornada na tentativa de realizar uma composição da trajetória urbana do pensamento de Lévi-Strauss, mas, também, na esperança de recompor pistas que nos permitam (re)pensar e (re)imaginar nossas próprias cidades e as formas como as percebemos atualmente.

## O retorno das viagens

Encontrei-me com Lévi-Strauss em seu escritório<sup>3</sup>. Distraído que estava com um conjunto de fichas<sup>4</sup> espalhadas por sua mesa, ele não notou minha chegada e continuou a observar os papéis à sua frente com atenção, trocando-os vez ou outra de lugar. Sem me anunciar, parei na porta por alguns instantes e percorri o aposento com o olhar. A luz fraca do sol da manhã, que entrava pela janela, dançava pelas paredes iluminando

as estantes abarrotadas, lambia a lombada dos livros e criava contornos curiosos nas máscaras de madeira, cestarias e outros objetos espalhados pelo ambiente.



Lévi-Strauss em seu escritório. Desenho, nanquim sobre papel. Autor, 2021.

Tentando guardar na memória cada detalhe daquela cena, me perdi nas escamas de um crocodilo de madeira. A luz do sol acariciava seu corpo de tal forma que eu quase podia ver o animal se mexer. "É muito bonito, não é?"<sup>5</sup> (Leme, 2007/2008, p. 15), ouço assustado Lévi-Strauss me dizer. Sem jeito, aceno uma resposta afirmativa com a cabeça. Não sei quanto tempo fiquei parado olhando o escritório, mas foi tempo suficiente para que de observador eu passasse a ser observado. Lévi-Strauss levantou-se com vagar da cadeira onde estava, aproximando-se do crocodilo que havia capturado minha atenção. "É um alaúde da Birmânia. Tem três cordas esticadas no ventre e tem a forma de um crocodilo porque na mitologia chinesa é o crocodilo que é o inventor da música" (Ibidem), ele me explica com calma observando de perto o objeto, analisando suas escamas.

Semanas antes – quando enviara a primeira carta a Lévi-Strauss – se tivesse imaginado uma cena como esta acontecendo, certamente pensaria que estava delirando. Agora, as coisas não pareciam mais que um sonho e estávamos ele e eu ali, em seu escritório, às vésperas de uma viagem. Lévi-Strauss aceitou meu convite, não sem relutância, repetindo diversas vezes: "Não, não viajo mais. Não tenho sequer um passaporte válido, deixei o meu vencer" (Viveiros de Castro, 1998, p. 126). Insisti algumas vezes mais, disse que precisava de sua ajuda em meu trabalho, expliquei que não seria uma viagem como as outras e que nossos passaportes seriam de outro tipo. Já havia perdido as esperanças quando recebi um pequeno envelope azul. Dentro, um pedaço de papel com apenas uma frase e sua assinatura: "Odeio as viagens e os exploradores" (Lévi-Strauss, 1996a, p. 15). Com sorriso no rosto e frio na barriga, guardei o pedaço de papel no bolso e,

entendendo o recado, comecei a arrumar minhas coisas dentro da mala apressadamente.

A fama de não ser muito afeito às viagens acompanha Lévi-Strauss há um bom tempo e ele próprio, em certos momentos, parece aceitar essas afirmativas (ver Leme, 2007/2008; Perrone-Moisés, 1999). Talvez por isso tenha sido relutante em aceitar meu convite. No entanto, quando o encontrei em seu escritório e ele me disse: "Há muito tempo – já nem lembro quando foi a última vez [risos] – que não viajo" (Leme, 2007/2008, p. 10), percebi por detrás das lentes grossas de seus óculos algo de uma euforia inconfessável própria dos preparativos que antecedem a partida. Uma rebeldia em quebrar algumas regras, um retorno aos sentimentos guardados em prateleiras altas ou espalhados em cantos esquecidos da memória. Como quando certa vez ele disse: "Eu tinha vontade de ver o mundo, de ir para bem longe. Já na infância e na adolescência, eu montava várias pequenas expedições no campo francês... eu queria aventura, onde quer que a encontrasse... naturalmente, quanto mais longe eu fosse, melhor..." (Perrone-Moisés, 1999, p. 13). E, seguramente, não estávamos indo para muito perto.

Em minha carta, convidei Lévi-Strauss a revisitar comigo as cidades pelas quais ele havia passado e refletido, observado o seu começo ou imaginado o seu fim. Por isso, minha insistência em ter sua companhia ao longo da viagem e para que ele fosse meu condutor: queria, com Lévi-Strauss, "investigar se as cidades se diferenciam em tipos e se é possível discernir constantes em sua estrutura e seu desenvolvimento" (Lévi-Strauss, 1996b, p. 13); além, queria que pudéssemos analisar, sentir, desmontar e reconstruir essas cidades, tal como Kublai Khan fazia ao escutar os relatos das cidades vividas e sonhadas por Marco Polo em suas expedições:

Kublai Khan percebera que as cidades de Marco Polo eram todas parecidas, como se a passagem de uma para a outra não envolvesse uma viagem mas uma mera troca de elementos. Agora, para cada cidade que Marco lhe descrevia, a mente do Grande Khan partia por conta própria, e, desmontando a cidade pedaço por pedaço, ele a reconstruía de outra maneira, substituindo ingredientes, deslocando-os, invertendo-os (Calvino, 1990, p. 43)

Contudo, o aceite do convite foi, sem dúvida, uma surpresa para mim. E a frase no bilhete de Lévi-Strauss não poderia ser outra, ela abriu seu livro "Tristes Trópicos" e sobre ambos, a frase e o livro, ele disse: "Esta introdução, como você bem sabe, foi escrita como uma provocação. Não expressava tanto meus próprios sentimentos quanto uma irritação geral que se sentia então pelos relatos de viagens. Na época em que o escrevi, havia pelo menos duas leituras por semana dos assim chamados viajantes que vinham a Paris contar suas aventuras. Tinham um sucesso enorme. O que eu queria dizer era que a antropologia não era isso, pois nós não viajamos para contar relatos de viagem e impressionar o público, mas porque nossos laboratórios de trabalho se encontram a centenas ou milhares de quilômetros de distância" (Magaña, 1992, p. 159). Ao ouvir isso, tive a certeza de que minhas suspeitas sobre a euforia em seu olhar não estavam de todo enganadas.

Estávamos nos preparando para uma viagem de trabalho<sup>6</sup>. Entretanto, embora Lévi-Strauss tenha aceitado me acompanhar, conduzir alguns dos meus caminhos, desde que recebi o envelope azul com sua resposta, percebi que estaria só em boa parte da jornada. Não porque não estivéssemos juntos, mas porque – em alguma medida – o sentido da viagem se encontra no afastamento (Goldman, 2016). Afinal de contas, ele próprio nos diz, o trabalho de campo etnográfico, a viagem, é esse período em que nos

distanciamos daquilo que nos é próximo, em que passamos a encarar tudo, inclusive nós mesmos, com estranhamento e onde nos encontramos cara a cara com a diferença. Lévi-Strauss já havia alertado que a partir desse processo o/a antropólogo/a: "nunca mais se sentirá em casa, em lugar nenhum, permanecerá psicologicamente mutilado" (Lévi-Strauss, 1996a, p. 59). E é aí, nessa experiência de estranhamento e mutilação, que as flores que alimentam a Antropologia nascem, aí despontam as riquezas das viagens e do trabalho de campo etnográfico. Logo, as viagens se apresentam como "meios de domesticar a estranheza, de torná-la familiar" (Lévi-Strauss, 2012b, p. 86).

Nesse sentido, a Antropologia, a etnografia e as viagens encontram suas proximidades no afastamento. Podemos entender que o deslocamento em que elas se envolvem não está restrito ao espaço e o estranhamento em si já nos coloca em movimento. Todas essas experiências fazem desmoronar nossas certezas prévias sobre quem somos, de onde viemos e sobre os mundos que achamos conhecer (Goldman, 2016). Ter consciência disso faz parte dos preparativos para a viagem.

Após passar longos minutos em silêncio encarando o alaúde em formato de crocodilo, perguntei a Lévi-Strauss sobre as fichas espalhadas por cima de sua mesa. Desviando os olhos do instrumento, com um sorriso no canto dos lábios, ele me respondeu: "Há anos que me rodeio, para trabalhar, de globos e de mapas celestes que permitam encontrar a posição das estrelas e das constelações sob diferentes latitudes e em diversas estações, de tratados de geologia, de geografia e de meteorologia, de obras de botânica, de livros sobre os mamíferos e sobre as aves..." (Lévi-Strauss, 1986, p. 151). Virando-se em direção à sua mesa, seus olhos correram pelas estantes abarrotadas de grandes enciclopédias, e volumes de periódicos... as lentes dos óculos refletindo o brilho manso do sol. Nesse seu percurso em devaneio, ele passa a encarar a janela por onde pode-se entrever uma faixa do rio Sena em meio aos prédios. Voltando-se para as fichas, ele prossegue: "Quando vamos a algum lugar é fundamental estarmos bem informados, devemos ler tudo o que possa ser lido. Não somente as fontes antigas como também os trabalhos mais recentes. Desta maneira, a viagem em si proporciona um diálogo entre nossas próprias impressões e o conhecimento dos outros. Reconstruímos assim uma realidade que não é nem a do passado nem a do presente. A viagem é uma construção da imaginação" (Magaña, 1992, p. 159).

Dizendo isso, Lévi-Strauss pediu-me licença para arrumar suas coisas e retirou-se do escritório. Fiquei ali parado, digerindo o que havia acabado de ouvir, contemplando a luz que entrava pela janela e os objetos ao redor. Um arrepio tomou meu corpo: a aventura havia começado e estávamos perto da partida.

## Seguindo os fios da aranha, Lahore<sup>7</sup>

Eu estava de frente para a máquina de escrever, observando os detalhes de suas teclas redondas, quando Lévi-Strauss retornou ao seu escritório. Com um sorriso no rosto, ele deixou uma pequena mala de mão encostada junto à porta e dirigiu-se à sua mesa. Nós trocamos algumas palavras enquanto ele recolhia com empolgação suas fichas espalhadas, colocando-as em uma bolsa suspensa em seu ombro onde encontravam-se a máquina fotográfica e todos os cadernos, blocos<sup>8</sup>, papéis e canetas que ele usaria durante a viagem. Nesse meio tempo, continuei a passear com os olhos pelo aposento, admirando "uma imensa raiz de árvore esculpida chinesa, estampas e guardas de sabre japonesas" (Loyer, 2018, p. 11), entre outros tantos objetos das mais diferentes partes

do mundo.

Quando tudo estava pronto e arrumado dentro de sua bolsa, nos dirigimos para o corredor. Fui atrás dele e, antes de fechar a porta do escritório, contemplei uma última vez todos os objetos e a quantidade imensa de livros que cobria as paredes, pensando: "Lévi-Strauss pode dar a volta ao mundo sem deixar seu gabinete" (Loyer, 2018, p. 12). Um sorriso surgiu em meu rosto, puxei a maçaneta da porta. Lévi-Strauss deu-me um toque no ombro, ajeitou suas coisas e partimos.

Já estava entardecendo quando entramos no pequeno avião, arrumamos nossas coisas e nos acomodamos em nossos assentos. A dança da luz do sol poente invadia a cabine pelas janelas com seus tons dourados em passagem para o vermelho<sup>9</sup>, dando ao ambiente uma atmosfera quase onírica. "O sonho, 'deus dos selvagens', diziam os antigos missionários, sempre esvaiu-se-me entre os dedos, como um mercúrio sutil" (Lévi-Strauss, 1996a, p. 42), disse Lévi-Strauss certa vez. Todavia, antes da partida, retirei alguns lápis coloridos de dentro de minha bolsa e tentei registrar o fenômeno luminoso da paisagem na qual estávamos imersos, tentando ater-me a cada detalhe e capturar a intensidade das luzes como quem corre atrás de borboletas. Sabemos que "A máquina de fotografar sonhos ainda não foi inventada, embora uma foto [ou um desenho] possa evocar exatamente a magia e o mistério daquilo que se registra com a câmera [ou com as canetas e o lápis]" (Caiuby Novaes, 2005, p. 111).

Ainda assim, matéria líquida, os sonhos ousam escapar pelas mãos como borboletas selvagens em pleno voo – buscar sua arqueologia, seus rastros, é uma tarefa complicada. Todavia, "Como guia, o sonho pode ser fonte de utopia para transformar os problemas impostos. Graças às suas aberrações lógicas e causais que nos convidam a operar cortes [...] ele permite a reconquista de um imaginário político" (Barbara Glowczewski; Viviana Lipuma, 2022, p. 24-25). Dessa maneira, é sugerido então que se "considere o sonho uma estratégia para resolver um problema (problema artístico ou outro), considere o sonho como uma forma de consciência (estado alterado), usando-o (escreva com ele) como uma forma de 'alerta' da atividade mental" (Bernadette Mayer, 2016, p. 08). Em "Tristes Trópicos" encontramos os "fragmentos brilhantes" (Lévi-Strauss, 1996a, p. 42) dos sonhos de Lévi-Strauss dispersos por diversos lugares. Para o começo da viagem escolhemos ir em busca de um em específico. O avião voava alto sobre as nuvens e a noite aproximava-se, dentro de algumas horas chegaríamos ao nosso destino: Lahore<sup>10</sup>.



Lahore. Desenho, nanquim sobre papel. Autor, 2021.

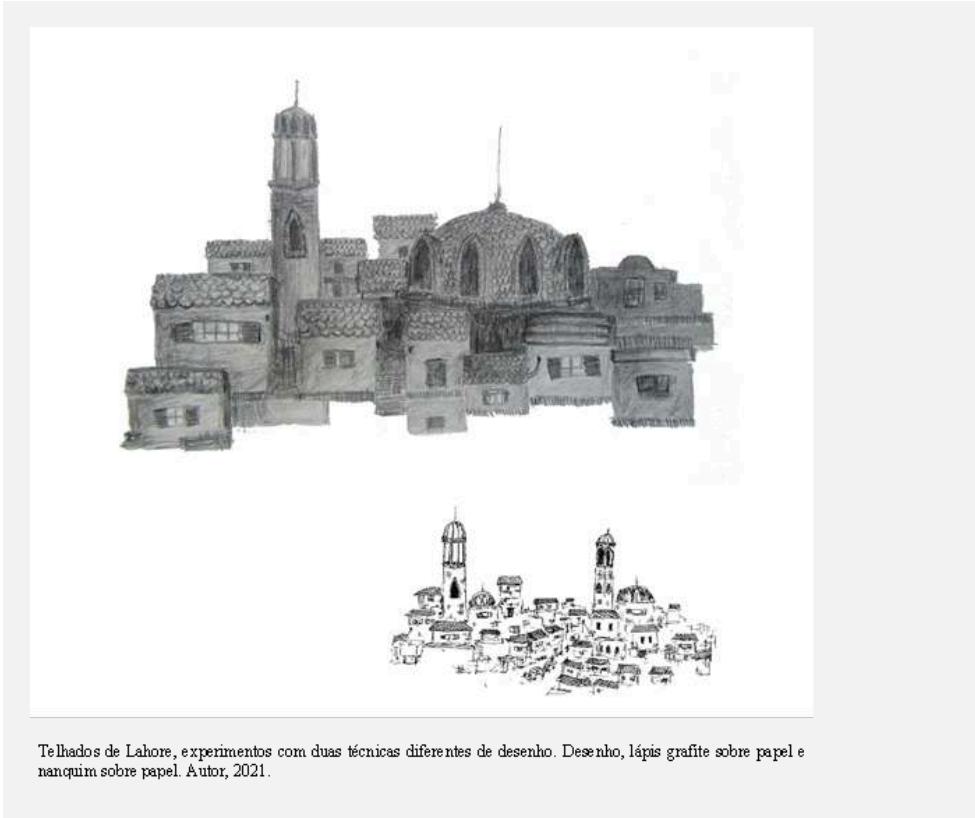
Quando desembarcamos do pequeno avião, segui os passos de Lévi-Strauss e tive o desenho<sup>11</sup> como uma forma de caminhar (Ingold, 2011), de me colocar em contato com um "mundo além" (Taussig, 2011). Em um percurso onírico, atravessávamos a cidade paquistanesa de Lahore. Com a caneta, descrevi aquilo que acontecia e me afetava. Entramos em ruas, becos e atravessamos avenidas cheias de árvores. Enquanto caminhava ao lado de Lévi-Strauss, senti o cheiro forte das especiarias – chás, unguentos, bálsamos, temperos, incensos – e da fumaça dos carros, vi as rachaduras nas pedras, o sol quente nos telhados, a textura da madeira em corrosão.





Aranha metálica. Desenho, nanquim sobre papel. Autor, 2021.

Num relance, fui capturado pelo olhar gentil de um dos grandes búfalos que nos empurravam pelas ruas pedindo passagem. O movimento das pessoas era intenso e as trocas aconteciam por toda parte. Vez ou outra escutava a voz de Lévi-Strauss indicando o caminho, abafada pelo barulho das vozes e dos caminhões que passavam ao nosso lado ou pelas flautas dos encantadores de serpentes<sup>12</sup>.



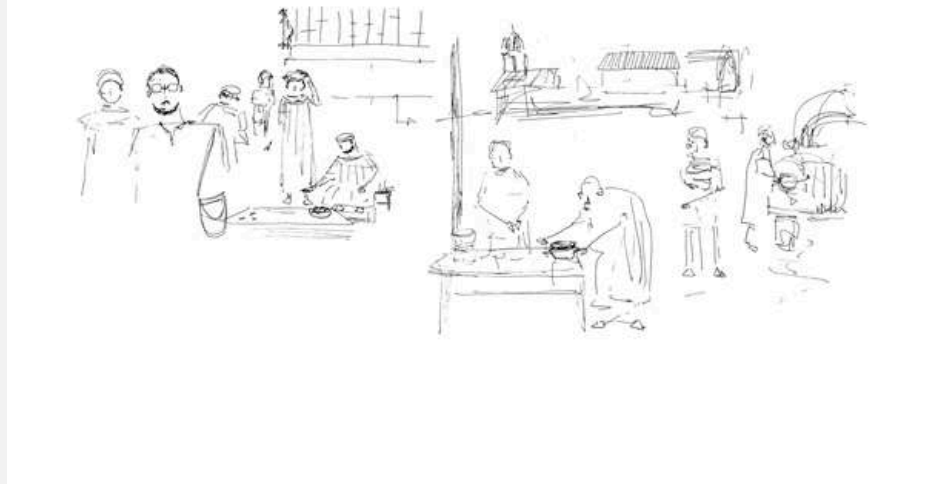
Tomando o sonho como estratégia, percorremos a cidade: ora muito próximos, ora muito distantes. Tal como Kublai Khan, ao ouvir os relatos das cidades descritas por Marco Polo após suas viagens (Calvino, 1990), nos seduzimos por seus mistérios e tesouros. Deparamo-nos com "um gênio de mil braços" (Lévi-Strauss, 1996a, p. 43) e nos enrolamos nos fios dos sonhos, entrelaçados pela "aranha metálica"<sup>13</sup> (Ibidem) que habita e tece a cidade. No meio dessa trama procuramos a própria cidade, aquilo que Lévi-Strauss chamou de o "verdadeiro Lahore" (Lévi-Strauss, 1996a, p. 43). Esse que se esconde nas esquinas e nas pedras; nos movimentos das pessoas que atravessam as ruas; nos cantos das lojas; no cerne das madeiras, por cima dos telhados e nas ruínas da cidade.

Embora estivéssemos em Lahore, em segundos de abstração podíamos facilmente remontar e inverter o espaço. Dissolvendo arquiteturas, recompondo edifícios, Lahore ainda permanecia Lahore, mas, tornava-se outra, inventada. Ora misturava-se às cidades próximas, Karachi, Dacca; ora encontrava seus mortos em Tóxila. Ou, ainda, recompunha-se em digressões, aproximando-se de Veneza, Paris, São Paulo, Rio de Janeiro ou Nova York. De perto, pude constatar a maneira pela qual, "Com os lugares do mundo, Lévi-Strauss 'bricola' um grupo de transformação conectado por oposições, desdobramentos, inversões, duplicações, como os que vai seguindo entre os mitos ameríndios, nas Mitológicas"(Perrone-Moisés, 2008, p. 72).



Tece a cidade. Desenho, nanquim sobre papel. Autor, 2021.

Ao longo do caminho, percebo então que a busca – mais do que o encontro – é o que dá sentido a essa viagem. Seus tesouros estão nas surpresas que encontramos no percurso, mais do que no anseio de encontrar, de fato, o "velho e verdadeiro Lahore" (Lévi-Strauss, 1996a, p. 43). Seguindo movimentos inesperados, entendo então que, "Menos do que um percurso, a exploração é uma escavação: só uma cena fugaz, um canto de paisagem, uma reflexão agarrada no ar permitem compreender e interpretar horizontes que de outro modo seriam estéreis" (Ibidem, p. 50). O resultado disso se dá como numa "bricolagem" (Lévi-Strauss, 2012a), onde fragmentos de lembranças e sensações, despertam os sentidos ao mesmo tempo que a caneta corre pelo papel deixando seus rastros. As linhas dos desenhos se emaranham (Ingold, 2007; 2011), tal como os fios da aranha que tece a cidade antiga.



Desenho, nanquim sobre papel. Autor, 2021.

Observo atento enquanto Lévi-Strauss ainda caminha pelas ruas da cidade paquistanesa, tomando notas em seus cadernos ou concentrando-se, vez ou outra, antes de apertar o botão disparador da máquina fotográfica. Seguindo os fios da aranha, talvez cheguemos a São Paulo onde, por algum tempo, outra de sua espécie esteve em sua toca numa mancha verde no meio da cidade<sup>14</sup>.

## Sobre imagens, cidades, viagens e imaginações

Muitas são as relações entre imagens – dos mais diferentes tipos – e Antropologia. Podemos verificar uma "trajetória paralela" (Pinney, 1996) entre a história da fotografia e da disciplina antropológica, como também constatar a "novidade velha" (Aina Azevedo, 2016) que são os desenhos nos modos de fazer de antropólogos e antropólogas, por exemplo. Muitas são, ainda, as relações entre imagens e viagens e, por sua vez, entre viagens e Antropologia. Todas dizem, em algum sentido e à sua própria maneira, sobre exercícios de construção do olhar (Caiuby Novaes, 2012).

Há algo mágico nas relações e experiências que temos com as imagens, nos diz a antropóloga Sylvia Caiuby Novaes (2008). Elas borram as estruturas rígidas de uma racionalidade, que durante algum tempo impregnou-se nas Ciências Sociais; movimentam as relações tênues entre o verbal e o visual, entre a razão e a sensibilidade (Caiuby Novaes, 1999). Isso se dá pelo processo de olhar e pelas formas de engajamento proporcionadas por essa experiência, pois, em algum sentido, as "Imagens favorecem, mais do que o texto, a introspecção, a memória, a identificação, uma mistura de pensamento e emoção. Imagens, como o próprio termo diz, envolvem, mais do que o texto descritivo, a imaginação de quem as contempla" (Caiuby Novaes, 2008, p. 465). Por outro lado, podemos entender que

Uma palavra é a imagem de uma idéia e uma idéia é a imagem de uma coisa, como numa cadeia de representações. Palavras podem ser mais reais do que a própria

coisa à qual elas se referem, por exemplo, quando a cena que descrevemos tem mais impacto do que a situação em si que vivenciamos. É o que faz o poeta ao descrever a paisagem. Nesse sentido, também a poesia pode ser vista como uma forma de produção pictórica (Caiuby Novaes, 2008, p. 459).

Assim sendo, o que podemos pensar das imagens (em sua relação com o texto ou as próprias imagens produzidas pelos textos) na construção da experiência etnográfica? Ou, ainda, o que podemos pensar sobre as imagens e a imaginação na construção de um percurso etnográfico, uma viagem, como o que se propôs no experimento apresentado neste texto? Afinal, as viagens são elas mesmas, segundo Lévi-Strauss, "uma construção da imaginação" (Magaña, 1992, p. 159), e o que se esboçou aqui foi a tentativa de imaginar e experimentar com (e experimentar o) pensamento em uma jornada, seja ela em palavras que criam imagens ou em imagens que retornam palavras. Num exercício como esse – de experimentar o próprio pensamento e um pensamento outro – o que se coloca, aponta Eduardo Viveiros de Castro (2002, p. 123), não é o movimento "de imaginar uma experiência, mas [o] de experimentar uma imaginação". Nesse sentido, "A experiência, no caso, é a minha própria [...] e o experimento, uma ficção controlada por essa experiência. Ou seja, a ficção é antropológica, mas sua antropologia não é fictícia" (ibidem).

Entendendo estes pontos, podemos nos perguntar ainda: como habitar tais ficções e como estas podem se apresentar enquanto o nosso próprio mundo, alargando as experiências dos sentidos, colocando a « realidade » sob tensão? De acordo com o antropólogo britânico Tim Ingold (2011), para o pensamento moderno – que estabelece distinções muito marcadas entre "o mental e o material, ou os terrenos da imaginação e do ambiente físico" (Ingold, 2011, p. 197) – é inconcebível ou ultrajante o estabelecimento de uma passagem livre entre esses dois domínios (o da imaginação e das ficções para o da "existência corpórea" e do mundo material). Todavia, comparando quatro experiências distintas (as práticas de monges da Europa medieval; a tradição da pintura entre os Yolngu, povo aborígine da Austrália; as obras do artista russo Wassily Kandinsky; e um tratado do paisagista chinês Ching Hao, do século X), o autor analisa respostas singulares que colocam a noção de imagem – junto das práticas de andar, escrever, desenhar, ler, pintar – em questão. Ao realizar tais comparações, Ingold nos mostra como a divisão rígida entre a imaginação e o mundo concreto, reiterada pelo pensamento ocidental moderno, perde sua consistência; ele nos mostra como a ficção se constitui da realidade na expressão sensível de um impulso vital, e vice-versa.

Foi justamente com provocações nesse sentido que os experimentos com as obras e o pensamento de Claude Lévi-Strauss, aqui apresentados, seguiram. A proposta de caminhadas pelas cidades descritas por Lévi-Strauss ao longo de sua trajetória buscou ser uma maneira de colocar a realidade sob tensão, de habitar uma ficção que fosse capaz de me aproximar, enquanto antropólogo, de meu "nativo" (Perrone-Moisés, 2021) – com o respeito e cuidado que são ensinados por nossa disciplina. Assim, nesta breve amostra de uma pesquisa em desenvolvimento, o que se esboçou foi, em alguma medida, um modo de "pensar o pensamento nativo" (Viveiros de Castro, 2002, p. 129), uma vez que tenho Lévi-Strauss como meu companheiro de viagem e principal interlocutor. A ficção que apresento borra a realidade: passo a estar com Lévi-Strauss, a caminhar por suas descrições em "Tristes Trópicos", a viver e percorrer as cidades que ele descreve, expandindo as experiências dos meus próprios sentidos, estabelecendo pontes entre tempos, mundos e ficções. Algo que, inicialmente, se revelou de extrema

importância dado o cenário pandêmico no qual esta pesquisa nasceu (ver nota de rodapé 6).

Dessa maneira, o que busquei aqui não foi interpretar o pensamento de Lévi-Strauss, mas uma forma de experimentá-lo, de levá-lo a outros lugares, multiplicando as relações e correspondências entre diferentes modos de fazer antropologia, exercitando suas afetações. Colocar Lévi-Strauss, suas palavras e suas imagens, em movimento corresponde aqui a adotar certa postura poética de trilhar formas de conhecimento e aproximação, mas também de afastamento e distância – como numa viagem.

Em certo sentido, o esforço aqui proposto busca experimentar a produção pictórica das palavras quando afetadas pelo contato com imagens de outro tipo e a produção de imagens afetadas por esses outros tipos de imagens que as palavras produzem. Assim, uma cadeia linear de representação ponto a ponto – da experiência ao texto; do texto à imagem; da imagem à imaginação – se desmancha. O processo se desenrola em uma trama onde linhas se emaranham, deixam pontas soltas e as vinculações que proporcionam estão em movimento. O resultado disso é um experimento no qual texto e imagem não se colocam em oposição, mas em confluência. As palavras criam imagens na ficção de um encontro que transborda a realidade; os desenhos traçam os caminhos de uma viagem que vai além de narrativas e descrições textuais.

Desenhar, ler, escrever, observar se fazem aqui movimentos de expansão do mundo e das experiências sensíveis da pesquisa. Ferramentas de expressão e contato, de questionamento e de transporte, uma outra maneira de lidar com os materiais trabalhados. Nesta experiência – enquanto modo de seguir os movimentos das narrativas de Lévi-Strauss –, os desenhos surgiram como caminhos, sem a busca de projeção de algo, deixando rastros (Ingold, 2011). Como uma forma de caminhar (Ibidem), as linhas dos desenhos puderam me levar para lugares distantes, afastando o que está perto e aproximando o que está longe. O problema que se impôs aqui, todavia, foi o de encarar a estranheza de diferentes linguagens em vinculações e movimentos. E, como Lévi-Strauss aponta: "É um problema, poder-se-ia dizer, de tradução, de traduzir o que está expresso numa linguagem – ou num código, se se preferir, mas linguagem é suficiente – numa expressão de uma linhagem diferente" (Lévi-Strauss, 2007, p. 16), e estranha, acrescento.



Imagens de referência para construção dos desenhos e processo da pesquisa. Autor, 2021.

Portanto, de acordo com o antropólogo Michael Taussig (2011, p. 30), é compreensível que entendamos que "O desenho pode familiarizá-lo com a estranheza que está sendo descrita. Você faz seu próprio passaporte para a terra incógnita. Mas, então, você precisa admitir que o desenho é, ele mesmo, uma coisa estranha também. Ele adquire sua própria realidade". Assim, viajar com e através dos desenhos – ou das imagens (verbais ou visuais) – se fez aqui uma maneira de "domesticar a estranheza" (Lévi-Strauss, 2012b), ou torná-la ainda mais "selvagem".



Mesa de trabalho e processo da pesquisa. Autor, 2021.

Em muitas camadas, imagens dipostas em combinações imprevistas dançam em minha mente. Não sei se os telhados das casas paquistanesas são da forma como mostrei nas imagens 02 e 04, mas sei que os que desenhei me remetem aos das casas de diversas cidades de Minas Gerais que já observei. Ao constatar esse detalhe, percebi a maneira como os desenhos, em combinações de referências e pensamentos, afetam o percurso da minha pesquisa. É pelo mesmo processo que, no texto, a "aranha metálica" que tece a fiação elétrica da cidade na descrição onírica de Lévi-Strauss, encontra sua semelhante em um canto verde de São Paulo – parte do meu próprio referencial e repertório imagético. Ao ler a descrição de Lévi-Strauss (1996a, p. 43) sobre a "aranha metálica" de Lahore: "[...] e o acesso não estivesse vedado pela teia de aranha metálica que, de um muro ao outro e em toda a cidade velha, é tecida por uma instalação elétrica mal-feita", fui levado à obra "Spider" (1996) da artista franco-americana Louise Bourgeois. É uma escultura de três metros de altura feita em bronze exposta durante algum tempo no aquário do Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo.

Logo, neste experimento, os desenhos e as imagens produzidas pelas palavras na construção de uma ficção, aparecem como os vestígios das borboletas selvagens dos sonhos, que escapam pelos dedos. Sem nunca alcançá-las, ficamos apenas com as flores de onde retiram o néctar e espalham o pólen. Como busca das borboletas, os desenhos e as ficções me levaram a lugares imprevistos, numa viagem singular; num movimento de caminhar e construir uma outra cidade, uma nova Lahore – nem Lahore em si, nem a Lahore de Lévi-Strauss e, muito menos, a minha própria Lahore, simplesmente. Sim, uma Lahore "inventada" (Wagner, 2010); uma Lahore que me inventa ao mesmo tempo em que invento um outro Lévi-Strauss, a partir de suas próprias invenções de cidades.

Como nos diz o antropólogo norte-americano Roy Wagner: "Uma grande invenção é 'reinventada' diversas vezes e em diversas circunstâncias na medida em que é ensinada,



aprendida, usada e aperfeiçoada, frequentemente em combinação com outras invenções" (Wagner, 2010, p. 208). Portanto, a natureza complexa da invenção de uma cidade exige experimentações constantes e um grande esforço de imaginação. O que os exercícios apresentados neste texto podem mostrar é que: ao combinar meus modos de olhar e de fazer antropologia com modos de Lévi-Strauss, sigo na invenção dessas cidades, aprendendo com e colocando em movimento as reflexões de Lévi-Strauss; combinando tudo isso com outras invenções, exploro caminhos para inventar e imaginar outras cidades ainda.

## Imaginar, sonhar e inventar um novo urbano

As viagens de Claude Lévi-Strauss à Índia e ao Paquistão ocorreram, por demanda do Departamento de Ciências Sociais da Unesco, no ano de 1950 (Lévi-Strauss, 2008, p. 1728) – cinco anos antes da publicação de sua obra "Tristes Trópicos". A pedido de Alfred Métraux, então diretor da "Divisão para o Estudo dos Problemas de Raça", o antropólogo foi imbuído da missão de investigar o cenário do ensino e da pesquisa em Ciências Sociais no Paquistão. Assim, entre agosto e outubro de 1950, Lévi-Strauss sobe em seu "tapete voador" (Lévi-Strauss, 1996a) e percorre, sempre atento, uma série de cidades. Naquele período,

[...] o Paquistão ocidental tem por capital Karachi; o Paquistão oriental, que se tornaria Bangladesh em 1971, tem por capital Dacca. Lévi-Strauss permanece essencialmente nessas duas cidades, assim como também em Peshawar e Lahore, onde ele multiplica suas conferências e visitas aos universitários e oficiais. Essas estadias são interrompidas em dois momentos: por uma visita às grandes cidades indianas (Calcutá e Delhi) e aos sítios arqueológicos do Paquistão do Norte, entre 11 e 24 de setembro; e por uma breve pesquisa entre os Kuki e os Mogh do distrito de Chittagong, no começo do mesmo mês (Lévi-Strauss, 2008, p. 1728)

Parte dessas experiências são descritas por Lévi-Strauss em "Tristes Trópicos" – material de base para os experimentos desse texto. O que essas descrições nos mostram é que, se, por um lado, Lévi-Strauss resgata Lahore como um dos vestígios fragmentados de seus sonhos, por outro, o que as cidades paquistanesas e indianas revelam ao antropólogo são experiências e constatações radicais sobre o progresso da "civilização". Na bricolagem de suas memórias, o encontro da cidade brasileira de Goiânia com a cidade paquistanesa de Karachi, por exemplo, faz o antropólogo refletir sobre: "o absurdo das relações que o homem aceita manter com o mundo, ou melhor, que lhes são impostas de forma crescente" (Lévi-Strauss, 1996a, p. 133). As cidades da Índia, por sua vez, apresentam-se como "grandes subúrbios miseráveis" (Ibidem, p. 141) aos olhos de Lévi-Strauss.

Ainda que em sobrevoo, os poucos fragmentos que percorro a respeito da situação atual de Lahore e de outras cidades do Paquistão – os quais visitei com alguma frequência ao longo desse experimento – apresentam um pequeno relance de uma crise generalizada. As mudanças climáticas – rastros disso que, dentre muitos nomes, podemos chamar de "Antropoceno" (Crutzen, 2002) – fazem transbordar notícias semelhantes às dos eventos ocorridos em muitas cidades paquistanesas recentemente: "Enchentes sem precedentes deixam um terço do Paquistão sob as águas" (ver nota de rodapé 07). É curioso notar que, já em suas breves pesquisas, com olhar sempre aguçado e uma mente atenta, Lévi-Strauss intuía e alertava sobre possíveis cenários catastróficos. Como evidencia o antropólogo Salvatore D'Onofrio (2018, p. 52): "Lévi-Strauss remonta as

origens das catástrofes ao crescimento demográfico e à emergência da vida urbana" e é o que pensadores como Ailton Krenak (2020) e Davi Kopenawa (2015), em certo sentido, reiteram atualmente.

Como nos diz o líder indígena, pensador e ativista Ailton Krenak (2020, p. 10): "As cidades são [atualmente] uma espécie de hematoma no organismo de Gaia [...] São buracos escuros do nosso planeta". E, por conta disso, ele postula: "A ideia das cidades deveria ser posta em questão". Com isso em mente, trilho minha viagem com Lévi-Strauss e, de fato, "A antropologia de Lévi-Strauss se nutre permanentemente da dimensão errática da viagem" (D'Onofrio, 2018, p. 23). É certo que "a viagem é um equívoco: [e] tudo isso parece verdade a quem só viu suas sombras" (Lévi-Strauss, 1996a, p. 406). Ainda assim, seguindo por esse caminho, busco montar a composição de uma trajetória urbana do pensamento de Lévi-Strauss, na tentativa de colocar nossas cidades em questão.

Desse modo, embora não apresente proposições ou conclusões significativas, o objetivo deste texto recai sobre o esforço de explorar maneiras pouco usuais de se fazer Antropologia; de levá-la a encarar as questões que se impõem diante dos desafios de nossos tempos. Se, num exercício de "invenção" – na criação de uma "ficção antropológica" (Viveiros de Castro, 2002) – consigo me colocar em movimento e próximo ao meu "nativo" (Perrone-Moisés, 2021), busco acreditar que, da mesma forma – em novos e outros experimentos –, afetados pelas aguçadas e precisas reflexões de Lévi-Strauss, podemos ser capazes de ensaiar e "inventar" novas formas de pensar e habitar o urbano; a propor outros modelos para isso que chamamos de cidade – que, da maneira como se desenvolve em nossos tempos, trilha por caminhos incompatíveis aos da continuação de nossa e de outras formas de vida neste planeta (Krenak, 2020).

Portanto, se para Lévi-Strauss as cidades são "vivas e sonhadas" e definem-se como "a coisa humana por excelência" (Lévi-Strauss, 1996a, p. 123), em tempos de crise, onde o "antropos", o humano, é mobilizado como força geológica e catastrófica (Crutzen, 2002), urge a necessidade de repensarmos nossos modelos de imaginar e construir cidades. Nesse sentido, na tarefa de colocar nossas "cidades em questão" (Krenak, 2020), tenho buscado permitir que as cidades de Lévi-Strauss se pensem em mim, e à minha revelia (Lévi-Strauss, 2004).

---

## BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Aina. "Desenho e antropologia: recuperação histórica e momento atual". *Cadernos de Arte e Antropologia*, vol. 05, n.02: 15-32, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/1096>. Acesso 23 mai 2020

CAIUBY NOVAES, Sylvia. "Lévi-Strauss: razão e sensibilidade". *Revista de Antropologia*, vol.42, n. 1-2: 67-76, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-77011999000100005>. Acesso 28 mai 2021

- \_\_\_\_\_. "O uso da imagem na Antropologia". In: SAMAIN, Etienne: O Fotográfico. São Paulo: Editora SENAC/HUCI- TEC, 2005, p. 113-119. ISBN 9788527104333
- \_\_\_\_\_. "Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico". *Mana*, vol.14, n.2: 455-475, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132008000200007>. Acesso em 07 jun 2021
- \_\_\_\_\_. "Voyages as exercises of the gaze". *Vibrant*, vol. 09, n.02: 273-292, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1809-43412012000200010>. Acesso em 14 dez 2021
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. ISBN 9788571641495
- CRUTZEN, Paul Josef. "Geology of Mankind". *Nature*, vol. 415, n. 23, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/415023a>. Acesso em 15 fev 2023
- DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Desterro: Cultura e Barbárie e Instituto Socioambiental, 2017. ISBN 978-85-63003-61-4
- D'ONOFRIO, Salvatore. *Lévi-Strauss face à la catastrophe*. Paris: Éditions Mimésis, 2018. ISBN 9788869761614
- DUVERGER, Timothée; GLOWCZEWSKI, Barbara; JENNI, Alexis; LIPUMA, Viviana; MENU, Flavien. *Au bout de nos rêves: le retour des utopies*. Paris: Éditions d'Aube et Fondation Jean Jaurès, 2022. ISBN 978-2-8159-5196-8
- GOLDMAN, Marcio. "Lévi-Strauss, a ciência e as outras coisas". In: GOLDMAN, Marcio. *Mais alguma antropologia: ensaios de geografia do pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2016, p. 47-90. ISBN 9788564116481
- GLOWCZEWSKI, Barbara; LIPUMA, Viviana. "Rêver pour suspendre le ciel". In: DUVERGER, Timothée; GLOWCZEWSKI, Barbara; JENNI, Alexis; LIPUMA, Viviana; MENU, Flavien. *Au bout de nos rêves: le retour des utopies*. Paris: Éditions d'Aube et Fondation Jean Jaurès, 2022, p. 09-29. ISBN 978-2-8159-5196-8
- INGOLD, Tim. *Lines: a brief history*. London: Routledge, 2007. ISBN 9780203961155
- \_\_\_\_\_. *Being Alive: essays on movement, knowledge and description*. London: Routledge, 2011. ISBN-10. 1032052317
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. ISBN 978-85-359-2620-0
- KRENAK, Ailton. "A vida é selvagem". *Cadernos Selvagem*, 12. Dantes Editora, 2020. Disponível em <https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/12/CADERNO12-AILTON.pdf>. Acesso em 23 mai 2021
- LEME, Carlos Câmara. "O antropólogo que odiava viajar: entrevista com Claude Lévi-Strauss". *Antropologia Portuguesa*, vol. 24/25: 09-19, 2007/2008. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.14195/2182-7982\\_25\\_1](http://dx.doi.org/10.14195/2182-7982_25_1). Acesso 13 jun 2021
- LÉVI-STRAUSS, Claude. "Estruturalismo e ecologia". In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *O olhar distanciado*. Tradução de Carmen de Carvalho. Lisboa: Edições 70, [1983] 1986, p. 149-173
- \_\_\_\_\_. *Tristes Trópicos*. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, [1955] 1996a. ISBN 9788571645707
- \_\_\_\_\_. *Saudades de São Paulo*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b. ISBN 9788571645219

- \_\_\_\_\_. O cru e o cozido. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac & Naify, [1964] 2004. ISBN 85-7503-277-1
- \_\_\_\_\_. Mito e significado. Tradução de Antônio Marques Bossa. Lisboa: Edições 70, [1978] 2007. ISBN 9724413268
- \_\_\_\_\_. Œuvres. Paris: Éditions Gallimard, 2008. ISBN 978-2-07-011802-1
- \_\_\_\_\_. O pensamento selvagem. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, [1962] 2012a. ISBN-10. 8530800834
- \_\_\_\_\_. A outra face da Lua: escritos sobre o Japão. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2012b. ISBN 9788535921397
- LOYER, Emmanuelle. Lévi-Strauss. Tradução de André Telles. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018. ISBN-10. 9788594930804
- MAGAÑA, Edmundo. "Entrevista com Claude Lévi-Strauss". *Cadernos de Campo*, vol.02, n.02: 158-164, 1992. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v2i2p158-164>. Acesso em 13 jun 2021
- MAYER, Bernadette. "Experiências". *Grampo Canoa*, n.02: 04-08, 2016
- PERRONE-MOISÉS, Beatriz. "Claude Lévi-Strauss, aos 90". *Revista de Antropologia*, vol. 42, n.1-2: 09-25, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-77011999000100002>. Acesso em 10 jun 2021
- \_\_\_\_\_. "Os Brasis de Lévi-Strauss". *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, n. 64: 63-81, 2008
- \_\_\_\_\_. "Traduzir as Mitológicas". In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021, p. 443-454. ISBN 9788537819029
- PINNEY, Christopher. "A história paralela da Antropologia e da Fotografia". *Cadernos de Antropologia e Imagem*, vol. 02: 29-52, 1996
- TAUSSIG, Michael. *I Swear I Saw This: drawings in fieldwork notebooks, namely my own*. Chicago: The University of Chicago Press, 2011. ISBN 10. 0226789837
- TAYLOR, Anne-Christine. "Dom Quixote na América: Claude Lévi-Strauss e a Antropologia Americanista". *Sociologia & Antropologia*, vol. 01, n. 02: 77-90, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2238-38752011v124>. Acesso em 23 jan 2023
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "Lévi-Strauss nos 90: a antropologia de cabeça para baixo". *Mana*, vol.4, n.2: 119-126, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93131998000200006>. Acesso em 10 jun 2021
- \_\_\_\_\_. "O nativo relativo". *Mana*, vol.08, n.01:113-148, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132002000100005>. Acesso em 20 mai 2020
- WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. ISBN 978-85-7503-921-2

## NOTAS

1. Parte deste trabalho foi apresentada na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia – ocorrida entre os dias 28 de agosto e 03 de setembro de 2022. Suas reflexões iniciais surgiram na disciplina "Escrever com a imagem e ver com a palavra: poesia, fotografia e etnografia" (FLS5274), do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, ministrada no primeiro semestre de 2021 por Dra.

Kelly Koide e Prof<sup>a</sup>. Dra. Sylvania Caiuby Novaes – a quem deixo meus sinceros agradecimentos pelas leituras atentas deste texto. A pesquisa à qual este trabalho se refere é realizada com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP): processo nº 2021/05272-5 e 2022/12684-0. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

2. Tradução livre do autor – assim como todas as citações em português cujos textos estão referenciados em outras línguas.

3. Parte das imagens descritas e do diálogo aqui apresentado me surgiram após um sonho, em julho de 2021, onde encontrava-me com Lévi-Strauss em seu escritório. Ver imagens do escritório de Claude Lévi-Strauss em "Plans du bureau de Claude Lévi-Strauss" – disponível em: <https://www.ina.fr/ina-eclair-actu/video/i05259103/plans-du-bureau-de-claude-levi-strauss>. Acesso em 23 maio 2022.

4. "Quando me falta inspiração, quando estou sem ideias, pego um monte de fichas – eu deveria colocar isso no imperfeito, porque se refere ao tempo em que eu trabalhava – e, só de espalhá-las, misturá-las, agrupá-las ao acaso, às vezes me vem uma idéia [...] eu diria que as fichas, para mim, são exatamente o oposto de um método, são o meio de ter idéias imprevistas" – Claude Lévi-Strauss em entrevista a Beatriz Perrone-Moisés (1999, p. 17-18). Desse mesmo modo, dispondo memórias e ideias, aparentemente distantes e desconexas, Lévi-Strauss remonta suas viagens em "Tristes Trópicos", através de uma narrativa feita em montagens, colagens e recombinações, num processo artesanal próprio da "bricolagem" (Lévi-Strauss, 2012b). Isso faz com que tempos e lugares se misturem e, como ele mesmo nos diz: "Frequentemente, o acaso das viagens propicia tais ambiguidades" (Lévi-Strauss, 1996a, p. 36). De forma análoga, a construção do experimento aqui apresentado seguiu pelo mesmo caminho: em recortes, combinações e montagens, "bricolando" uma série de ideias, referências e citações.

5. Como parte do experimento que compõe a criação do texto, optei por deixar as citações diretas a Lévi-Strauss em itálico e com aspas, sem recuo, todas devidamente referenciadas. São recortes de falas de Lévi-Strauss em entrevistas e citações de suas obras. As citações diretas e indiretas a outros/as autores/as seguem os padrões de referência comuns, sugeridos pela revista.

6. Vale salientar aqui que, dado o cenário da pandemia de covid-19 nos anos de 2020 e 2021, uma vez que não tínhamos previsões concretas para o fim do isolamento social, me preocupei em propor uma pesquisa que pudesse ser realizada em segurança. Desse modo, a partir do material bibliográfico e das imagens de Lévi-Strauss – tanto as produzidas pelo próprio antropólogo e publicadas em suas obras, notadamente "Saudades do Brasil" e "Saudades de São Paulo", como uma profusão de imagens que povoam arquivos e ambientes digitais – construí as bases e as delimitações do meu campo de pesquisa. As viagens descritas neste texto referem-se a experimentações propostas com este material. Sobre as "verdadeiras" viagens de Lévi-Strauss ao Paquistão, ver Lévi-Strauss, 2008, p. 1728.

7. Para esta comunicação, decidi apresentar apenas o experimento realizado a partir das descrições e memórias de Lévi-Strauss sobre a cidade de Lahore, em "Tristes Trópicos" (1996a, p. 42-43). Esse experimento foi feito antes das catástrofes que atingiram o Paquistão em agosto e setembro de 2022. Ver: "Enchentes sem precedentes deixam um terço do Paquistão sob as águas". Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62736467>. Acesso em 23 set 2022. "Enchentes no Paquistão:

'tive que tirar corpos da água'''. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62765241>. Acesso em 23 set 2022.

**8.** Os registros de Lévi-Strauss sobre seu período no Paquistão encontram-se em três blocos de nota de capa em papel pardo da marca "Rhodia", hoje abrigados na Bibliothèque nationale de France (BnF) – NAF 28150 (127) "Carnets de notes du voyage au Pakistan". Com uma média de 90 folhas cada um, nas páginas quadriculadas o antropólogo toma notas, descreve detalhes do cotidiano, elabora pequenos desenhos, anota partituras musicais, descreve demandas administrativas e despesas da viagem. Entremeadas, estão suas anotações da breve pesquisa em Chittagong e de suas viagens para as grandes cidades indianas: Delhi e Calcutá. Percorri esses cadernos de notas, na BnF, em fevereiro de 2023.

**9.** Referência ao capítulo VII de "Tristes Trópicos" de Lévi-Strauss (1996a), "O pôr do sol".

**10.** "O sonho, 'deus dos selvagens', diziam os antigos missionários, sempre esvaiu-se-me entre os dedos, como um mercúrio sutil. Onde deixou-me alguns fragmentos brilhantes? [...] Escolho, ao acaso, um nome ainda totalmente envolto em prestígios pela lenda: Lahore" (Lévi-Strauss, 1996a, p. 42). Como um mito escolhido ao acaso para iniciar a sinfonia das "Mitológicas", Lévi-Strauss atribui a cidade de Lahore como ponto de descrição de suas experiências oníricas; como ele nos diz, esse lugar é onde ele ainda pode encontrar os fragmentos da matéria onírica que lhe escapa pelos dedos.

**11.** Na página 68 do terceiro caderno de notas sobre o seu período no Paquistão ["Carnet Rhodia 3" - NAF 28150 (127-3)], Lévi-Strauss desenha a entrada da "Tumba de Jahangir" (ver [https://en.wikipedia.org/wiki/Tomb\\_of\\_Jahangir](https://en.wikipedia.org/wiki/Tomb_of_Jahangir). Acesso em 19 fev 2023), que fica nos arredores da cidade de Lahore. Ao lado do desenho, ele escreve: "entrée du tombeau Jehangir. Noter les 'mats' de pierre que soutient la 'tapiserie' mosaïque et sait sans doute origine minaret", algo como: "entrada da tumba de Jahangir. Observar os 'mastros' de pedra que sustentam a 'tapeçaria' em mosaico, e sem dúvidas conhece a origem do minarete". O interessante disso é perceber – esse não é um caso isolado – como os desenhos aparecem entre as anotações de Lévi-Strauss. O segundo caderno ["Carnet Rhodia 2. Chittagong Hill Tracts" - NAF 28150 (127-2)] apresenta ainda mais desenhos, referentes à sua breve pesquisa nas colinas de Chittagong. Logo, os desenhos – à sua maneira – também participaram dos processos de pesquisa de Lévi-Strauss.

**12.** No verso da página 51 do "Carnet Rhodia 3" - NAF 28150 (127-3) – Lévi-Strauss esboça o início de um desenho que poderia ser uma serpente e escreve: "charmeur de serpents".

**13.** A referência à "aranha metálica" destaca o caráter onírico desse percurso. A imagem de uma cidade tecida por uma aranha gigantesca é inquietante. Os desenhos que faço seguem então nesse emaranhado, as linhas (Ingold 2007) tecem as imagens desse encontro com Lévi-Strauss, tal como a aranha tece a cidade.

**14.** Referência à obra "Spider" (1996) da artista franco-americana Louise Bourgeois. É uma escultura de três metros de altura feita em bronze exposta durante algum tempo no aquário do Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo.

---

## RESUMOS

É pouco usual associarmos a figura do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss à composição de uma trajetória de pensamento sobre as cidades e sobre o urbano. Todavia, muitas são as cidades descritas e pensadas pelo antropólogo ao longo de suas viagens e trajetória. Com isso em mente, este texto busca tomar como laboratório as reflexões sobre cidades feitas por Lévi-Strauss – em textos e imagens – na intenção de experimentar a forma como ele pensava as cidades e como as próprias cidades se pensavam nele. Neste texto, onde Antropologia e ficção dialogam, experimento as descrições oníricas de Lévi-Strauss sobre a cidade paquistanesa de Lahore, operando movimentos de encontros e inversões. O que faço aqui é apresentar o começo de uma jornada em curso. Com Lévi-Strauss, sigo na missão de descobrir e "inventar" cidades e, assim, imaginar outras experiências possíveis para o urbano.

It is unusual to associate the figure of the French anthropologist Claude Lévi-Strauss with the composition of a trajectory of thought about cities and the urban. However, many are the cities described and thought by the anthropologist throughout his travels and trajectory. With this in mind, this text seeks to take as a laboratory the reflections on cities made by Lévi-Strauss – in texts and images – with the intention of experiencing the way the anthropologist thought about cities and how the cities themselves thought through of him. In this text, where Anthropology and fiction are in dialogue, I experience the dreamlike descriptions of Lévi-Strauss about the Pakistani city of Lahore, operating movements of encounters and inversions. Therefore, what I do here is present the beginning of an ongoing journey. With Lévi-Strauss, I continue on the mission of discovering and "inventing" cities, imagining other possible experiences for the urban.

## ÍNDICE

**Keywords:** Claude Lévi-Strauss, cities, voyage, image, imagination

**Palavras-chave:** Claude Lévi-Strauss, cidades, viagem, imagem, imaginação

## AUTOR

**JEFERSON CARVALHO DA SILVA**

Mestrando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

E-mail: [jefercsilva@gmail.com](mailto:jefercsilva@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3371-3918>